Fuga para o espaço urbano, a busca pela expressão

Vitor Figueiredo e Pedro Moreno

Junto a Augusto Boal, Amir Haddad é um dos precursores do teatro de rua no Brasil

Embora o teatro seja conhecido pelo seu glamour, também possui uma faceta popular ainda pouco reconhecida por nós. Feito pelo suor de quem luta para criar algo novo, a quinta arte saiu dos grandes salões e foi para as ruas. Essa forma de teatro, muito mais barata, se utiliza do espaço urbano, de figurinos mais elaborados e da participação de quem assiste.

Em sua essência, busca provocar a reflexão, criar novas ideias e encontrar formas mais livres de expressão. Uma prática artística que se contrapõe aos discursos autoritários. E, por isso, sofreu muito durante os anos de ditadura no Brasil, mas sobreviveu. E como toda arte possui seus expoentes, quando se fala de teatro de rua, é obrigatório que se fale de Amir Haddad.

Após abandonar a faculdade de Direito, para se dedicar ao mundo artístico, o mineiro de Guaxupé inicia, em 1958, uma carreira de sucesso como ator e diretor de teatro. Haddad fez parte da criação da companhia de Teatro Oficina, fundou o grupo "Tá na Rua", e ainda realizou projetos mais convencionais, como o Mercador de Veneza, *de W. Shakespeare.*

Em entrevista à **Eclética**, *Amir Haddad fala de sua vida e de sua arte.*

O que é popular?

Licko Turle

O grupo "Tá na rua" lutou contra a ditadura e o preconceito

Eclética: *Porque você decidiu migrar para o teatro de rua?*

Amir Haddad: Estava me sentindo muito sufocado pelo teatro que fazia. Ele não me permitia pensar num mundo melhor, pois era numa época horrível do Brasil: a época da ditadura militar, Médici no poder, depois Geisel. Eu comecei a sair na rua na época do governo Médici e era restritíssima minha área de ação, porque nos teatros eu só podia ocupar o espaço que a ditadura permitia que eu ocupasse. A censura cortava todas as peças. Eu estava insatisfeito com o teatro que fazia, mesmo antes da ditadura. Eu não queria me repetir, queria continuar avançando.

E: *Como se deu essa transição para o teatro de rua? Como foi buscar essa nova forma?*

" Quando eu decidi fazer aquilo em que acreditava, houve quem se desviasse de mim na calçada, achando que eu era louco "

Amir Haddad

A.H: Eu me dei conta de que estava ideologicamente cercado. Se quisesse fazer o meu teatro, teria que mexer no espaço. Eu nunca tinha feito isso. Já tinha mexido em dramaturgia, em ator, em cenário, em produção, em diretor, mas nunca no espaço. O teatro brasileiro já fazia isso, descia para a plateia e a envolvia. A gente já tinha resolvido essa questão interna do espaço, mas não estava satisfeito. Eu queria mais. A rua foi se colocando como um espaço definitivo. Um espaço amplo, aberto. Saí para a rua porque estava morrendo sufocado e precisei buscar um espaço maior.

E: *Você viveu na época da ditadura, e a censura deixava as coisas ainda mais difíceis. O que você fez para driblar essas dificuldades?*

A.H: Quando fui fazer teatro na rua, já era o fim do governo Geisel, final dos anos 1970, início da década de 1980, o governo Figueiredo encaminhava as primeiras aberturas democráticas. O governo nunca soube que eu fazia teatro de rua, nunca pedi autorização nem submeti meus textos à censura. Na verdade, nem tinha texto, nós improvisá-

Júnior Santos

Como toda forma de cultura no Brasil, o teatro também luta para sobreviver

vamos muito. Quando comecei, eles não conheciam esta modalidade. O teatro era uma arte culta, respeitável, uma arte que a burguesia valorizava e que era feita dentro das salas. As salas eram templos intocáveis, e os teatros municipais e teatros centrais eram símbolos de poder, facilmente identificáveis com os fatores ideológicos dominantes. Custaram muito para perceber que eu estava fazendo teatro de rua, e eu já era um diretor famoso nas salas. Custaram para perceber que isso modificaria a feição do teatro no Brasil.

E: *O teatro de rua, de certa forma, é preterido. Qual foi o impacto que isso provocou no meio teatral e nas pessoas com que você já havia trabalhado ou estava trabalhando na época?*

A.H: Meus amigos me chamaram de louco, eu larguei certo padrão, deixei de trabalhar com os melhores atores, concorrer a Prêmios Molières. Eu dei as costas para isso. Quando decidi fazer aquilo em que eu acreditava, trabalhar com um grupo considerado amador, por fazer teatro experimental, houve quem se desviasse de mim na calçada, achando que eu era louco. Hoje, a minha opção pode parecer banal, mas, naquela época, muita gente ficou perplexa, pensando que eu tinha tomado algum ácido, pelo fato de abandonar tudo o que eu tinha para tocar tambor na Cinelândia, e eu não voltei.

E.: *Quando começou a trabalhar com o "Tá na Rua" como foi o contato com o púbico? Eles se interessavam e entendiam o espetáculo?*

A.H: Foi surpreendente, ao entrar em contato com as pessoas, perceber a possível sabedoria numa massa que é considerada supostamente ignorante por não ter sido preparada, nem educada. Não que eu tivesse ido à rua com o propósito de levar cultura aos pobres. Não fui levar, generosamente, o meu saber para quem não o tem. Eu não fui salvar ninguém. Eu fui à busca de interesses meus, pessoais: fui fazer o meu teatro. A bem dizer, era eu quem precisava se salvar, porque estava morrendo, num período de ditadura, pessoas conformadas, coisas regredidas e um controle cada vez maior. Na medida em que nos era revelada a sabedoria daquela ignorância, começamos, por outro lado, a descobrir também a ignorância da nossa sabedoria. Meu grupo era predominantemente formado por jovens brancos universitários de classe média e o nosso universo ideológico que, quiséssemos ou não, tínhamos nas cabeças começou a desmontar-se.

E.: *O que você acha da situação atual do teatro de rua? Agora que vivemos num país mais democrático, e possuímos a tão cobiçada liberdade de expressão.*

A.H: O resultado é que hoje são centenas de grupos de teatro de rua. Não existe festival no Brasil que não seja obrigado a incluir pelo menos um espetáculo de rua, de tão forte que é esta realidade. **POP!**

Teatro de rua x Teatro de palco

Fotos: Sandra Calaça

André Garcia é adepto da Cameloturgia, a dramaturgia do camelô

As adversidades da rua criam novos desafios para o ator que escolher se aventurar fora dos palcos. André Garcia Alves, 31 anos, ator e diretor do grupo de teatro de rua "Será o Benedito?!", fala sobre as diferenças entre teatro de rua e o teatro de palco: "Na rua o processo é transparente. O ator se prepara na frente do povo, interagindo com a plateia. Já no palco o ator geralmente já aparece com figurino completo. Além disso, há um simbolismo que poucas pessoas reparam. Na rua, o espetáculo se dá no mesmo plano que o público. Enquanto no palco, o ator se traveste na figura quase que de uma autoridade, acima do público. É como se impusesse alguma coisa, estivesse no comando", analisa André.

A linguagem também é outra diferença a se destacar entre as duas manifestações. Na rua, como a plateia não necessariamente assiste ao espetáculo até o fim, é apropriado o uso de um figurino que identifique rapidamente ao público efêmero o tipo de personagem que está sendo desenvolvido durante a encenação.

"Por exemplo, o uso de máscaras, bastante colorido, gestos da mímica no lugar de palavras e até as circenses pernas-de-pau, que servem para a personagem crescer (literalmente) em cena, e chamar a atenção. São pequenas especificidades da linguagem, mas que são extremamente importantes para o ator de rua", conta André.

Característico do teatro de rua, o ator interage com o público no espetáculo Dados Variáveis

O diretor polemiza ao comparar o ator que encena na rua com o que atua nos palcos: "Eu acho que o ator que apresenta seu trabalho na rua tem que ser mais completo. Na rua é no 'gogó', no nível do povo, sem recurso técnico de som ou iluminação. O melhor ator do palco pode 'quebrar a cara' na rua. Porque você lida com uma série de intervenções extras, que não existem no palco. Na rua você não tem obrigatoriamente um roteiro pré-definido. Requer um tino maior de improvisação. É um espetáculo que quem dirige é o público", finaliza André.

Uma Oficina de se fazer teatro

O grupo Oficina lança o Tropicalismo com a peça O Rei da Vela

Teatro Oficina Uzyna Uzona: ou apenas Teatro Oficina é uma das mais importantes companhias de teatro do Brasil, localizado em São Paulo, fundada em 1958 por um grupo de alunos da Escola de Direito do Largo de São Francisco. Entre seus fundadores encontram-se grandes nomes do teatro brasileiro como, Renato Borghi, Carlos Queiros Telles e Amir Haddad. Inspirado nas ideias de Sartre e Camus, o projeto era fazer um novo teatro, que se distanciasse do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e do nacionalismo do Teatro de Arena. Foi responsável por ter lançado o Tropicalismo, com a peça O Rei da Vela. E montou diversas obras entre elas a adaptação de Os Sertões de Euclides da Cunha.

O grupo Oficina encenando a peça O Banquete em Fortaleza